

O AMOR ENTRE OPOSTOS: ALTERIDADES EM CONFLITO EM “ORIENTAÇÃO”

THE LOVE BETWEEN OPPOSITES: OTHERNESS IN CONFLICT IN
“ORIENTAÇÃO”

Aline Maria Magalhães de Oliveira* (UFF)

RESUMO: Guimarães Rosa foi um escritor apaixonado pela diferença, por culturas e línguas diversas, valorizando cada uma igualmente. Sua paixão rendeu inúmeros personagens estrangeiros que são inseridos no sertão mineiro, despertando paixão e conflito entre alteridades. O conto “Orientação” traz uma situação ainda mais inusitada, pois narra uma história de amor entre alteridades extremas: um chinês e uma mineira. Mostraremos como o convívio com o estrangeiro é difícil mesmo quando o amor está envolvido na relação e como a diferença que atrai o casal é a mesma que os separa no fim. Nessa “estória” de amor e desencanto, refletiremos sobre a situação do imigrante e veremos como o escritor transculturador transita entre as duas culturas respeitando as alteridades.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. *Tutaméia*. Estrangeiros. Alteridades. Transculturação.

ABSTRACT: Guimarães Rosa was a writer passionate about the difference, the different cultures and languages, valuing each one equally. His passion earned numerous foreign characters that are inserted in the *sertão mineiro*, arousing passion and conflict between the otherness. The short story "Orientation" brings an even more unusual situation, because it tells a story of love between extreme otherness: a Chinese and a *mineira*. We will show how living with the foreigner is difficult even when love is involved in the relationship and how the difference that attracts the couple is the same that moves them away at the end. In this story of love and disappointment, we will reflect on the situation of immigrants and see how the transculturator writer transits between the two cultures respecting the otherness.

KEYWORDS: Guimarães Rosa. *Tutaméia*. Foreigners. Otherness. Transculturation.

* Mestranda em Estudos de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: alinemmo@gmail.com.

O conto “Orientação”, que aqui iremos analisar, tem como protagonista um chinês imigrante vivendo no sertão de Minas Gerais. É bastante curiosa a escolha dessa personagem estrangeira por Guimarães Rosa, já que não temos registro em nossa literatura brasileira de outro personagem dessa nacionalidade, na verdade, apenas alguns italianos compõem personagens estrangeiros importantes em nossa literatura. Portanto, encontrar um conto rosiano que é protagonizado por um chinês causa espanto ao leitor, conforme afirma Walnice Galvão (2008): “tanto mais curioso, e raríssimo até às raias da esquisitice, encontrar um conto de Guimarães Rosa, intitulado “Orientação”, pondo em cena um chinês” (GALVÃO, 2008, p. 206). Além de estranhamento, um chinês em Minas Gerais desperta também a curiosidade em saber como pode ter chegado lá, já que tivemos tão poucos imigrantes chineses. É preciso estudar um pouco mais a respeito dessa escassa imigração chinesa no Brasil.

Apesar de ser considerado um dos povos mais migrantes do mundo (GALVÃO, 2006, p. 201), o Brasil nunca recebeu grande imigração de chineses. No entanto, sua presença nos costumes, moda, arquitetura e artes foi marcante, inclusive em Minas Gerais. Sabe-se que já no século XVI o Brasil mantinha relações com o país (cf. LEITE, 1992), visto que há registros de que fomos um dos primeiros importadores de porcelana chinesa, além de móveis, marfins, têxteis etc. Em muitos museus, é possível encontrar entre os escombros de antigas residências do período colonial, porcelanas chinesas que eram utilizadas pela alta sociedade.

Também nas Igrejas, principalmente de Minas Gerais, como a Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará, é possível reconhecer alguns traços da arte chinesa em imagens de santos, no formato amendoado de seus olhos lembrando os orientais, também no formato de alguns altares, e até mesmo na presença de animais da cultura chinesa misturados nas imagens católicas, como os “cães de Fo”, montando guarda junto à cruz de Cristo, que pode ser encontrado em Recife e João Pessoa (cf. LEITE, 1992).

Segundo José Roberto T. Leite (1992), por volta dos Setecentos, o Brasil já recebera alguns escravos de origem chinesa, e ao longo do século XIX cerca de dois ou três milhões de chineses foram trazidos ao Brasil vindos de colônias portuguesas do Oriente. Alguns aqui vieram por iniciativa do Conde de Linhares que pretendia instaurar a cultura do chá, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Outros vieram numa tentativa fracassada de substituir o braço negro escravo pelo amarelo ‘livre’.

As pesquisas de Leite (1992, p. 237) revelam que em nove de fevereiro de 1855 desembarcaram no Rio de Janeiro mais de 300 chineses, também chamados “culis”. Em 19 de março de 1856 desembarcaram mais 368 chineses contratados para o trabalho agrícola.

Muitos deles adoeceram, alegando a má alimentação que lhes era fornecida e os salários baixos. Em 1874 mais de 1000 chineses aqui vieram para trabalhar.

Em fins dos anos 1870 houve um sério debate na imprensa e no Congresso, chamado de Questão Chinesa, que discutia a importação de trabalhadores chineses para a lavoura brasileira. De um lado, os agricultores que vinham passando por uma baixa na importação de café exigiam do governo garantias de que teriam os braços necessários para aumentar a produção agrícola, não importando de onde viessem, embora preferissem os trabalhadores chineses, devido sua famosa aptidão ao trabalho agrícola. Por outro, os jornais discutiam a possível “mongolização” da população brasileira caso continuasse a crescer a imigração de trabalhadores chineses. Cientistas e médicos publicavam em revistas especializadas de medicina trabalhos que queriam comprovar que em poucas gerações já teríamos uma população predominantemente de amarelos, estudo que só aumentou o preconceito e rejeição desses imigrantes na sociedade brasileira.

Em 1883, no esforço de atrair a mão de obra chinesa, o governo Imperial funda a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa, que pretendia trazer no prazo de três anos 21000 chineses ao custo de 37 mil-réis cada um. No mesmo ano a Companhia foi desativada e deixada de lado a idéia da imigração chinesa em larga escala, devido às dificuldades na negociação e à grande rejeição na sociedade.

Podemos observar por esse breve resumo da imigração chinesa que ao todo essa imigração não somou número considerável, tanto que nos registros históricos do IBGE, de 1884 a 1960 estes imigrantes são contados entre “outros” conforme tabela por nacionalidade (cf. IBGE, 2010). Estima-se que atualmente cerca de 200 mil chineses habitam o Brasil, sendo que 130 mil destes vivem em São Paulo. Comparado ao número de imigrantes italianos, japoneses, espanhóis, alemães, esse número ainda é muito pequeno.

Sendo assim, menor ainda é a possibilidade de haver um chinês em Minas Gerais, visto que grande parte daqueles que aqui viveram no período colonial instalaram-se no Rio de Janeiro, na região entre o Morro do Castelo e o mar, e no século XX muitos migraram para São Paulo. No entanto, é possível reconhecer nas artes e na arquitetura, como o exemplo das Igrejas aqui citado, traços claros de que também em Minas Gerais os chineses estiveram e ali foram influentes. De acordo com Leyla Perrone-Moisés (2000) a influência chinesa nas artes coloniais brasileiras fica mais evidente no cenário mineiro, possivelmente por conta da grande circulação de pessoas e culturas no interior do estado de Minas Gerais devido à concentração de riquezas nessa região, na época áurea.

José Roberto Leite (1992), em sua tese de doutoramento, procura desfazer a idéia de completo distanciamento entre as culturas chinesa e brasileira, mostrando que muitos de

nossos costumes se assemelhavam aos deles, principalmente no que diz respeito ao modelo de sociedade patriarcal que vigorava até pouco tempo. De acordo o autor, a mulher chinesa deveria permanecer dentro da casa de seu marido, cuidando de seus afazeres domésticos, e privada de saídas à rua. Situação muito semelhante à das mulheres brasileiras de alta classe do período colonial, as quais eram submetidas a uma espécie de prisão domiciliar quando se casavam com maridos que não amavam e nem podiam escolher.

Também o sociólogo Gilberto Freyre afirma que a influência oriental sobre portugueses e brasileiros do período colonial e do XIX foi marcante, principalmente porque reforçou “no sexo, na classe e na raça dominantes, ou senhoris, atitudes patriarcais de superioridade sobre os demais elementos da sociedade” (FREYRE, 1985, p.476). O modelo de sociedade patriarcal chinês aproxima os dois países tão distantes, chegando até mesmo a um influenciar o outro.

“ORIENTAÇÃO”: OPOSTOS QUE SE ATRAEM

“Orientação” insere-se na coletânea de contos *Tutaméia*, publicada em 1967, apenas cinco meses antes da morte do autor, ocorrida no mesmo ano. Ao contrário das publicações anteriores de Guimarães Rosa, este livro não foi bem recebido pela crítica da época, e mesmo hoje, conta com bem menos estudos a seu respeito, se comparado às suas primeiras publicações. Vera Novis (1989, p. 21,22) explica este fato com duas hipóteses: primeiramente, a obra teria sido ofuscada pela “monumentalidade” de *Grande sertão: veredas* um romance de fôlego quase inacreditável; segundo a autora, o que veio depois dele foi recebido como uma repetição ou regressão:

O que vem depois [de GSV] é repetição (os contos de *Primeiras histórias*, que foram percebidos na época como uma pausa para a retomada posterior da narrativa longa, pois, por sua estrutura, puderam ser assimilados ao “universo rosiano” já claramente delineado àquela altura) e involução, regressão (os minicontos de *Tutaméia*, que põem em xeque a qualidade da quantidade enfatizando e valorizando o mínimo, o quase-nada). (NOVIS, 1989, p. 22).

A segunda razão apontada por Vera Novis (1989) deve-se ao fato de ser uma obra “desconcertante”, que causa perplexidade diante da densidade embutida na extrema concisão e da aparente falta de unidade entre os contos recolhidos das publicações em periódicos. Na realidade, uma leitura mais atenta transforma tais fatores em algo fascinante, pois a cada leitura abrem-se novas descobertas e interpretações, e é possível perceber, como bem observou Novis (1989, p. 23), uma estreita relação entre as histórias que à

primeira vista pareciam tão desconexas, mas que podem ser lidas como um conjunto, ou ainda divididas em conjuntos temáticos.

Os temas centrais de “Orientação” já estão explícitos em seu título. Nele, o vocábulo é explorado em todas as suas significações possíveis: “‘Orientação’ é o título que explora as virtualidades desse vocábulo e de sua relação com o Oriente. Pois trata de um cidadão do Oriente, da civilização que traz em si, e de seu choque com uma sertaneja” (GALVÃO, 2008, p. 217). A primeira acepção de “Orientação” mais clara é a que expressa relação com o Oriente, origem da personagem principal da narrativa. Ainda nesse sentido, expressa também o ato de “orientalizar-se” por que passa Rita Rola, que sofre um processo de aculturação, assimilando a cultura oriental do marido.

A segunda acepção da palavra refere-se a direção, indicar o rumo a alguém. Nesse sentido, a personagem Rita Rola mostra-se completamente “desorientada” quando perde seu amado “De que banda é que aquela terra será?” (ROSA, 1979, p. 110). Necessitada de “orientação”, ela perde o rumo sem o direcionamento de Quim.

A esse sentido, une-se o significado de direcionar no sentido de **ensinar**, pois o aprendizado é um dos temas que se destacam na narrativa, de acordo com Vera Novis (1989, p. 69):

*Ensinar talvez seja a palavra chave do conto. Não só pelo significado explícito de ‘passar um conhecimento’, de ‘orientar’, enfatizado em três momentos importantes do texto [...] mas também por outras significações laterais que podem ser associadas à palavra. [...] ensinar remete ainda à idéia do “em-si” dos protagonistas, conceito chave na economia do texto; e ensinar inclui ainda a palavra *sim* do silêncio do china.*

Quim ensina Rita Rola a portar-se como uma mulher chinesa, com gestos contidos, pouca fala, alguns ornamentos: “Ensinava-lhe liqueliques, refinices” . Ensina também a mergulhar **em si** mesma, e a conter-se: “[...] apesar de **si**, mudara, mudava-se” (ROSA, 1979, p. 110). O uso do mesmo verbo em tempos passados distintos – o primeiro no pretérito mais-que-perfeito e o segundo do pretérito imperfeito – mostra que a mudança que passa a expressar exteriormente após a partida de Quim, na realidade já havia ocorrido em sua essência antes da separação através dos ensinamentos do marido: “mudara”, mas ainda continuava a acontecer, só que agora por vontade própria: “mudava-**se**”.

Os temas da alteridade e da aprendizagem que se destacam em “Orientação” são recorrentes em outras narrativas de *Tutaméia*. Estes são também os temas centrais que envolvem “O outro ou o outro” e “Faraó e a água do rio”, entre outros. Além desta recorrência temática, que fortalece a idéia de entrelaçamento dos textos, há ainda

personagens que reaparecem em vários contos, caso do personagem Ladislau e dos ciganos, o que só reforça o entendimento do livro como uma unidade.

Outro ponto comum, apontado por Vera Novis (1989, p. 26), é o fato de todas as histórias de *Tutaméia* focalizarem um momento de transformação das personagens, que, segundo ela, “tem sempre direção ascendente, e, portanto, um sentido positivo, de passagem de um estado de carência para um estado de plenitude, ou de ‘completamento’”. De fato, “Orientação” também narra a transformação de Rita Rola: “Rita-a-Rola, em tanto em quanto, apesar de si, mudara, mudava-se” (ROSA, 1979, p. 110), transformação esta que vai do campo cultural até o físico e o psíquico, já que ela não só passa a vestir-se como uma chinesa como também a portar-se como tal, a falar o mínimo necessário. Ora, se considerarmos a afirmação de Vera Novis (1989) de que as mudanças nos contos têm sempre sentido ascendente e positivo, no caso de “Orientação” teríamos de pensar o processo de aculturação ocorrido com Rita Rola também como algo positivo, e não negativo como costuma ser a sobreposição de uma cultura à outra. Nesse caso, acreditamos não caber a avaliação da transformação de Rita em positiva ou negativa, pois poderia implicar no julgamento entre as duas culturas, como se o comportamento achinesado e contido que a personagem adota fizesse dela uma pessoa melhor do que quando assumia sua identidade sertaneja, quando era descrita como “feia” e desengonçada. Acreditamos que ela não era melhor nem pior do que se transformou, apenas diferente, e pensamos também que não era intenção do escritor, diplomata e transculturador como sempre foi, sobrepor uma cultura a outra.

Também não podemos falar em passagem de “um estado de plenitude, ou de completamento” (NOVIS, 1989, p. 26), pois quando Rita Rola finalmente atinge o estágio da transformação tão querida pelo esposo, este já está longe, e sua ausência abre um enorme vazio no coração de Rita, que se desorienta diante da falta do amado. Portanto, ela não chega a atingir o estado de plenitude, e nem mesmo pode completar-se com o amor do outro, já que só lhe restaram lembranças e saudade.

Uma possível chave de leitura para essa coletânea tão polêmica e sintética pode ser encontrada no prefácio escrito pelo próprio autor, intitulado “Aletria e hermenêutica”, no qual ele revela tudo o que o livro pretende ser. Escrito em tom cômico, contando anedotas que disfarçam profundas reflexões filosóficas e metafísicas, o prefácio aproxima-se bem do tom de muitos dos contos que compõe a narrativa, e com esse clima de brincadeira vai delineando as intenções de *Tutaméia*.

Quando a crítica não recebeu tão bem essa última publicação de G. Rosa, não percebeu que em sua reduzida composição havia muito mais significados que poderiam

caber no texto, e isso é destacado pelo autor no fim do prefácio: “O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber” (ROSA, 1979, p. 12). Segundo Leyla Perrone-Moisés (2000), os recursos utilizados pelo escritor, que aparecem ao primeiro impacto como algo gratuito e sem significação, devem ser lidos como infinidade de sentidos a serem desvendados: “Ora, qualquer análise mais atenta dos contos de *Tutaméia* revela a infinidade de sentidos que o escritor condensou em cada um deles, a riqueza significativa de seus achados e de suas intervenções verbais, só aparentemente gratuitos” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 260). Assim, *Tutaméia* torna-se grandioso pela sua capacidade de renovação a cada leitura, mostrando-se fonte inesgotável de significações. Por serem condensados, os minicontos contêm pistas, citações, referências, que podem levar além do texto: “Tudo, portanto, o que em compensação vale é que as coisas não são em si tão simples, se bem que ilusórias” (ROSA, 1979, p. 7), ou seja, nenhuma das histórias termina no que está aparente, pois não são simples como algumas podem parecer.

Para o conto que aqui escolhemos tratar, esse prefácio traz uma contribuição valiosa para o entendimento da presença/ausência de Quim, que transforma Rita. Através de anedotas, o autor mostra que a ausência, o nada, também pode ser muito, pode até mesmo valer mais que a presença: “O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo” (ROSA, 1979, p. 5). Através do humor, Guimarães Rosa está na verdade discutindo um grande problema filosófico e metafísico que é o nada. Citando a teoria de Bergson contra o nada absoluto, o autor escreve: “... porque a idéia do objeto ‘não existindo’ é necessariamente a idéia do objeto ‘existindo’, acrescida da representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco” (ROSA, 1979, p. 6). Ou seja, o nada é falta de alguma coisa, o que a faz sempre presente na lembrança de sua falta, porque a idéia da exclusão do objeto não elimina a idéia do objeto. No caso de “Orientação”, é a falta de Quim que faz Rita querer ser aquilo que ele sonhara. “Yao o ausente” (ROSA, 1979, p. 110). Nesta frase, ‘ausente’ soa quase como um epíteto, ou um sobrenome; contudo não foi apenas a sua ausência, mas a lembrança que o tornava presente nos detalhes, nos objetos que lhe deu, na chácara que construiu. Mais que sua ausência, é a falta da sua presença que a faz sofrer: “Saudade é o predomínio do que não está presente, diga-se, ausente”, diz Guimarães Rosa (ROSA, 1979, p. 110). Em outra ocasião, em entrevista a Lorenz (1991, p. 66), o autor afirma: “distância aproxima de nós as coisas, as pessoas e os lugares ausentes”, fato que é concretizado na estória de “Orientação”, quando a distância do esposo faz com que Rita volte a amá-lo e a querer ser a mulher ideal para ele.

Ainda de acordo com a reflexão que sugere o prefácio, também é através de negações que Rita Rola se rebela e reforça sua identidade: “Dizia: – ‘Não sou escrava!’ Disse: - ‘Não

sou nenhuma mulher-da-vida... ' Dizendo: - 'Não sou santa de se pôr em altar'" (ROSA, 1979, p. 110). Ela mostra quem é através da negação de tudo aquilo que **não é**: nem prostituta, nem santa, talvez um meio termo? Essa negação revela o problema identitário que Rita Rola enfrentava no momento de sua revolta, quando sua cultura e a do marido chinês já estavam tão misturadas que talvez ela não conseguisse reconhecer a si mesma. Nesse caso, afirmar quem ela não é talvez fosse mais fácil do que evidenciar quem realmente ela é nessa mistura cultural. Além disso, de acordo com Perrone-Moisés (2000, p.259), as negações de Rita e o assentimento de Quim, que apenas responde à esposa: "Sim, sim, sei..." e "T's, t's, t's..." (ROSA, 1979, p. 110), sugerem "toda a diferença filosófica entre a dialética ocidental e a sabedoria oriental" (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 259). Ao não de Rita, a resposta de Yao é sempre sim, marcando até no momento da separação do casal a diferença entre os dois, assinalados como pólos opostos: o negativo e o positivo, mas que, no amor assim como na física, se atraem.

O conto estrutura-se torno de oposições que estão presentes desde o título à relação amorosa entre a sertaneja e o chinês. Walnice Galvão (2008, p. 210) chega até mesmo a caracterizar as duas personagens como ele sendo o protagonista e ela sendo a antagonista da história: "A caracterização do protagonista tem como traço principal encarnar uma antiga civilização, enquanto a antagonista é incivilizada", e a autora continua mostrando como os perfis contrários de ambos vão se mostrando dessa forma, opondo protagonista e antagonista.

De acordo com Vera Novis (1989, p. 70), o conto pode ser visto em duas partes distintas: "A primeira acentua a distância entre os amantes. A segunda, sua proximidade". Embora, conforme a própria autora observa, mesmo na primeira parte é possível observar que a atração entre os dois é imediata, mas não há nada que justifique essa "afinidade de contrários" (NOVIS, 1989, p. 70). Segundo a estudiosa, Guimarães Rosa apenas sugere uma inversão de valores, o "avesso" ou o "outro modo" de acesso ao conhecimento, sugestão que fica mais explícita no seguinte questionamento do narrador: "Mas o amor assim pertenceria a outra espécie de fenômenos?" (ROSA, 1979, p. 109), e, pertencendo a essa "outra espécie", talvez não necessite de explicações lógicas uma união entre extremos opostos?

O casal é descrito pelo narrador como o par contraditório: "O par - o compimpo – til no i, pingo no a, o que de ambos, parecidos como uma rapadura e uma escada" (ROSA, 1979, p. 109). São vários os oxímoros, as "metáforas de incompatibilidade" (GALVÃO, 2008, p. 214), a traçar o perfil do casal como oponentes, muitas vezes colocados numa postura quase de confronto, fato quase inevitável diante de culturas tão estranhas entre si, mesmo

quando entrelaçadas pelo amor, as diferenças ainda são gritantes: “O mundo do rio não é o mundo da ponte” (ROSA, 1979, p. 109), afirma o narrador, ilustrando a dimensão da distância entre o casal, porque o rio e a ponte não foram feitos para se tocarem, mas para passarem distantes um do outro. Sobre o excerto acima, Galvão (2008, p. 215) afirma:

O conto constrói uma relação de oposição que se vai reiterando em todos os níveis – imagens, metáforas, oximoros –, até chegar ao fonêmico: i/o. Tudo converge para investir Quim na vogal /i/ de seu nome e Rita Rola do mesmo modo na vogal /o/.

A oposição /i/ x /o/ está presente desde a primeira caracterização do casal: “O par – o compimpo [...]”. (ROSA, 1979, p. 109), na qual a palavra “compimpo” une as duas oposições /i/ x /o/, até sua desunião no excerto supracitado no qual o “rio” opõe-se a “ponte”. Galvão (2008, p. 216) afirma que o fonema /i/, do nome Rita, não foi suficiente “para permitir uma mitigação da diferença radical”.

A diferença entre os dois começa pela dificuldade da língua, pois a barreira linguística geralmente é a primeira dificuldade na relação entre estrangeiro e autóctone. Yao Tsing-Lao teve seu nome brasileiroado para Joaquim, e para facilitar transforma-se apenas em Quim. Do mesmo modo, também Quim não consegue pronunciar o nome da mulher amada “Rita Rola”, que passa a ser “Lola-a-Lita”.

A dificuldade de comunicação chega ao ponto de romper de vez com ela, isto é, o silêncio acabou reinando entre eles: “O silêncio pode mais que eles” (ROSA, 1979, p. 110). De fato, a psicanalista Julia Kristeva (1994) afirma que no encontro entre duas línguas o elemento resultante é o silêncio: “Silêncio, não o da cólera que empurra as palavras para a fronteira entre a idéia e a voz, mas o silêncio que esvazia o espírito e enche o cérebro de abatimento [...]” (KRISTEVA, 1994, p. 22).

Vera Novis (1989), no entanto, vê nesse silêncio também uma expressão de aprendizado para os dois e que pode tanto ter valor de disjunção quanto de conjunção. Yao ensina o silêncio de sua cultura, sua “mínima mímica”, enquanto Rita Rola é descrita pelo narrador como “lavadeira respondedora” (ROSA, 1979, p. 109), alguém que fala demais: “De sínteses não cuidava” (ROSA, 1979, p. 110). Quando narra o momento da separação do casal, diante do silêncio de Quim perante as alegações de Rita, o próprio narrador questiona se o silêncio teria mais valor que a fala: “Falar, qualquer palavra que seja, é uma brutalidade?” (ROSA, 1979, p. 110).

Se, por um lado, o silêncio de Quim também é um traço de sua cultura oriental que é mais contida, por outro, não podemos esquecer que também é reflexo da dificuldade com a

língua que todo estrangeiro enfrenta, e que o leva, muitas vezes, a preferir falar o mínimo possível devido à dificuldade da comunicação.

Apesar da mudança de nome de Yao para Quim expressar, em um primeiro momento, a dificuldade entre as línguas, a mudança gradual de nomes na narrativa também coincide com uma ascensão social do chinês na região.

Primeiramente, ele é apresentado como “um, joãovagante, no pé-rapar, fulano-da-china” (ROSA, 1979, p. 108), isto é, um ninguém, um qualquer, o estrangeiro recém-chegado, do qual ninguém sabe as origens. No segundo parágrafo, já apresentado com um homem trabalhador, empregado de outro possível estrangeiro, Dr. Dayrell, que o trata por Joaquim. A mudança dá-se, segundo Walnice Galvão (2008), por uma consequência lógica de aproximação pelo som dos dois nomes. O terceiro parágrafo explica como adquiriu este nome: “Nome muito embaraçado: Yao Tsing-Lao – facilitado para Joaquim. Quim, pois” (ROSA, 1979, p. 108). Quim também nos remete à epígrafe do conto:

- Uê, ocê é o chim?
- Sou, sim, o chim sou
(ROSA, 1979, p. 108).

Quim também está ligado à palavra **chim**, que é a abreviação de chinês e que designou por muito tempo os imigrantes chineses que aqui chegaram entre os séculos XIX e XX, conforme observamos em textos a respeito da imigração (cf. LEITE, 1992) e o próprio Guimarães Rosa utiliza na epígrafe. Galvão (2008) afirma que o vocábulo também nomeia “um dos livros-chave dessa civilização, o *I Ching* ou *I Quim*, quanto a prosápia de uma dinastia, seja a Ch'in pré-cristã [...] seja a última a existir, na primeira metade do século XX, a Ching” (GALVÃO, 2008, p. 209-210).

Depois que adquire seu pedaço de terra e prospera, ele muda de nome mais uma vez, passa a ser “Seô Quim”, modo respeitoso de tratamento no meio rural. Essa mudança mostra que o estrangeiro “fulano” é finalmente aceito e acolhido pela comunidade como igual, apesar de feições tão diferentes, ganha nome e pronome de tratamento. Quando, no fim da narrativa, resolve voltar para a China, o narrador volta a tratá-lo apenas por Yao, pois o Quim só existiu em Minas Gerais.

A história de Quim mostra a evolução de imigrante pobre e trabalhador para sitiante independente. Pela descrição do narrador de características arquitetônicas e paisagística típicas da China, vemos que ele constrói seu reduto chinês em Minas Gerais: “[...] o chalé, abado circunflexo, entre leste-oeste-este bambus, árvores, cores, vergel de abóboras, a curva ideia de um riacho” (ROSA, 1979, p. 108). Quim busca identificar-se ao menos com a sua própria residência, já que tudo ao seu redor é tão diferente de suas origens.

Os hábitos e os traços orientais de Quim, sua “mínima mímica”, contrastaram com os modos rústicos de Rita que são apresentados após a descrição do chinês: “Sem cabaia, sem rabicho, seco de corpo, combinava virtudes com mínima mímica; cabeça rapada, bochechas, rosto plenilunar”. E fala ainda da sua sabedoria e paciência: “Sábio como sal no saleiro, bem inclinado. Polvilhava de mais alma as maneiras, sem pressa, com velocidade. Sabia pensar de-banda? Dele a gente gostava. O chinês tem outro modo de ter cara” (ROSA, 1979, p. 108).

Após descrever os traços físicos e psicológicos do protagonista, o narrador assume claramente sua simpatia por ele: “Dele a gente gostava” (ROSA, 1979, p. 108), opinião que conduz o leitor a também olhar aquele estrangeiro com simpatia, apesar de seus modos e hábitos tão diversos dos brasileiros.

Até mesmo a maneira como se apaixona por Rita Rola e como se deu o início da relação amorosa é apresentado como um relacionamento em que prevalece o gesto chinês: “Cheiraram-se e gostaram-se” (ROSA, 1979, p. 109). Segundo José Roberto T. Leite (1992), cheirar a pessoa amada é o beijo chinês. É uma demonstração de afeto que significa para o chinês como beijar com o olfato: “Dar um cheiro seria algo assim como oscular com as narinas ou beijar com o olfato; agrado mais carinhoso que propriamente sexual. É antiquíssimo costume chinês, que os portugueses terão introduzido no Brasil em remotas eras, e que ainda persiste no Nordeste” (LEITE, 1992, p. 67). De acordo com o autor, o beijo nos lábios de origem fenícia, grega e romana não é, ou não era, hábito dos chineses, que usavam esse tipo mais sutil de afago, que impele menor contato físico, que em todas as situações é reduzido ao mínimo, na cultura chinesa.

Quim apaixona-se pela diferença, por aquela mulher tão desengonçada, faladora, “Feia de se ter pena do espelho. Tão feia, com fossas nasais” (ROSA, 1979, p. 109), mas que aos olhos dele foi modificada para Lola-a-Lita, a amada: “desenhada por seus olhares”. (ROSA, 1979, p. 109), imagem reconstruída pela paixão. Parece que a mudança não se deu apenas aos olhos de Quim, pois o narrador afirma que as pessoas também passaram a ver em Rita alguma formosura: “A gente achava-a de melhor parecer, senão formosura” (ROSA, 1979, p. 109).

Apesar de ter sido atraído pela diferença, Quim não nega que ela ainda o incomodava: “Quim olhava os pés dela não humilde, mas melódico” (ROSA, 1979, p. 109). A sutileza com que Guimarães Rosa coloca a questão dos pés esconde toda a importância que esse membro tem para a cultura chinesa, no que diz respeito à escolha da esposa, pois além de ser sinal de beleza, os pés também marcam a diferença social.

Segundo Leite (1992), desde o século IV d.C., na China, pés de até 15cm de comprimento eram padrão de beleza da mulher chinesa, além de contribuir para a clausura doméstica desta que, devidos aos pés atrofiados, não poderia andar para muito longe de sua casa:

Por fim, os homens acostumaram-se a identificar, naqueles pezinhos diminutos de suas companheiras, um símbolo de beleza feminina que era ao mesmo tempo o testemunho de sua domesticidade e a garantia de que suas possuidoras haveriam de permanecer sempre atadas a seus lares [...]. (LEITE, 1992, p. 61).

Esse costume era restrito aos círculos mais abastados, não sendo difundido nas camadas mais pobres da população, já que as meninas pobres prestavam serviços domésticos ou agrícolas que necessitavam dos pés saudáveis e proporcionais e não poderiam esperar o tempo de resguardo necessário ao atrofiamento.

Algo semelhante também aconteceu na sociedade brasileira colonial, pois os pés começaram a ser sinônimo de requinte, classe social e origem étnica, já que as mulheres de casta e de famílias abastadas nunca precisaram – e nem podiam – sair de suas casas nem realizar trabalho algum, ao contrário dos negros escravos que possuíam grandes pés tanto devido à sua origem étnica quanto por percorrer longas distâncias forçadas pelo trabalho escravo. A respeito dos pés das brasileiras do Brasil colônia, Gilberto Freyre aproxima Brasil e China: "Basta recordar os pés das chinesas, deformados ao último ponto. Os pés da brasileira de casa-grande e de sobrado foram também deformados pela preocupação do pé pequeno, bem diferente do de negro e do de negra, em geral grande, largo, brutalhado" (FREYRE, 1985, p. 98).

Leite (1992) faz a importante observação que alguns textos literários do século XIX trazem o fetiche dos pés femininos pequenos. O melhor exemplo é o romance *A pata da gazela* que se desenvolve todo acerca dos pés da donzela, que é a fonte de desejo do amado: "O que amo nela é o pé; este pé silfo, este pé de anjo, que me fascina, me arrebatava, que me enlouquece!" (ALENCAR, 1953, p. 161).

Apaixonado pela diferença, mas ainda incomodado com ela, Quim começa a presentear Rita Rola com objetos representativos de sua cultura a fim de tentar transformar a amada em alguém um pouco menos distante, mais próxima de si: "Deu a ela um quimão de baeta, lenço bordado, peça de seda, os chinelinhos de pano" (ROSA, 1979, p. 109). Gradualmente acontece um processo de "aculturação às avessas" (GALVÃO, 2008, p. 212) que quebra a expectativa do leitor, uma vez que em uma situação na qual há um estrangeiro e uma autóctone, o esperado que aconteça é que o estrangeiro vá se adaptando aos costumes locais, e não o contrário.

Quando se dá conta da mudança por que havia passado, Rita Rola tenta rebelar-se, revolta-se. Para ela, o que havia de mais humano era sentar-se em uma cadeira – a simplicidade do gesto que difere sua cultura da oriental, que tende a ter os móveis mais próximos do chão, sem necessidade do uso de cadeiras. Representa a recusa de todos os modos chineses a que ela estava submetida.

Mas o que ela não sabia, e só descobre com a perda do marido, é que a transformação já havia ocorrido em sua essência, e aquela que antes era a “lavadeira respondedora” (ROSA, 1979, p. 109), após a ausência de Quim “Aprendia ela a parar calada levemente, no sóbrio e ciente, e só rir” (ROSA, 1979, p. 110). Até mesmo sua pele toma a cor amarelada do oriental: “Sua pele, até, com reflexos de açafraão” (ROSA, 1979, p. 110). E apesar dos pés de lavadeira, “Andava agora a Lola Lita com passo enfeitadinho, emendado, reto, proprinhos pé e pé” (ROSA, 1979, p. 110).

A psicanalista Julia Kristeva (1994) afirma que estar em contato com o estrangeiro, esse outro tão diferente, oferece uma oportunidade maior de ser outra pessoa, a partir do momento em que se coloca em seu lugar, como aconteceu com Rita Rola:

Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um outro*. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar* – o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo. (KRISTEVA, p. 1994, p. 20).

O que ela lamenta por fim é não ter tido um filho, que ficaria como fruto da mistura de etnias, a mestiçagem que não se conclui: “Tivesse tido um filho...” (ROSA, 1979, p. 110). Se tivesse tido um filho, seria o fruto do amor entre os diferentes.

A diferença que os atraiu é a mesma que os separa. Quando há um embate entre Rita, que quer impor sua identidade, e Quim, que quer passar sua cultura para ela, transformando-a em uma mulher chinesa, quando a diferença passa a incomodá-los, nem mesmo o amor pode resistir ao conflito cultural.

O que ambos não perceberam, é que em meio à discussão da separação do casal, havia algo em comum entre eles: “Discutiam antes – ambos de cócoras,” (ROSA, 1979, p. 110). A posição em que os dois estavam é um símbolo, muito sutilmente colocado por Guimarães Rosa, da semelhança entre as duas culturas, pois ficar de cócoras é um hábito típico do sertanejo, mas também usado pelo oriental. Como em outras narrativas em que há o encontro entre alteridades, o escritor aponta em meio às diferenças extremas um ponto comum, afinal, na essência, o que “existe é homem humano”. (ROSA, 1978, p. 460).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, J. *A pata da gazela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Pró memória/INL, 1985.
- GALVÃO, W. *Mínima mímica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil, 500 anos de povoamento: Imigração no Brasil*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>>. Acesso em: 30 jun. 2010.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEITE, Jose Roberto Teixeira. *A China no Brasil*. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil. 1992. 590 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- LORENZ, Z. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. (Org.). *João Guimarães Rosa*. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991. p. 62-97.
- NOVIS, V. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva/ EDUSP, 1989.
- PERRONE-MOISÉS, L. Orientalismo e orientação em Guimarães Rosa. In: *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.254-263.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Recebido em 30 de março de 2010.

Aceito em 23 de outubro de 2010.